



Doi: 10.4025/7cih.pphuem.1441

AS EXPRESSÕES DO PATRIARCALISMO NA EXPERIÊNCIA DE MULHERES IDOSAS

Eduardo Augusto Farias¹, Latif Antonia Cassab²
UNESPAR - Campus Apucarana

Resumo. O presente artigo expressa uma pesquisa qualitativa, com o objetivo de conhecermos os reflexos do paradigma patriarcal nas experiências de vida das mulheres idosas, atendidas no Centro de Referência de Assistência Social, de São João do Ivaí/PR. Por meio da História Oral, através da técnica do relato de vida, empreendemos entrevistas, conhecendo a vivência das mesmas, problematizando as desigualdades de gênero e a conduta de opressão, exploração e truculência a que foram e são submetidas em suas vidas. Relatamos, ainda, os papéis exercidos na sociedade machista e sexista, permitindo-nos problematizar as condições históricas nas quais se inscrevem as relações sociais pautadas na cultura patriarcal, cujo poder/autoridade é exercido pelo homem sobre a família e, quase sempre, de forma violenta sobre as mulheres. O resultado investigativo revelou pedaços de vida encharcados por sutis violências, fosse nas relações empreendidas com os pais, entre irmãos, companheiros e, mesmo na forma como educaram seus filhos.

Palavras-chave: Relatos de vida; Patriarcalismo; Gênero.

1 INTRODUÇÃO

“Nós vos pedimos com insistência nunca digam – isso é natural diante dos acontecimentos de cada dia numa época em que reina a confusão, em que corre o sangue, em que ordena-se a desordem, em que o arbítrio tem força de lei, em que a humanidade se desumaniza. Não digam, nunca – isso é natural”.
Bertold Brecht

No âmbito da comunidade acadêmica, embora existam muitas pesquisas vinculadas a categoria gênero (SAFFIOTI, 2004), poucas se

¹ Assistente Social do CRAS de São João do Ivaí/PR. Graduado em Serviço Social pela FECEA e Especialista em Serviço Social e Intervenção Profissional pela UNESPAR-Universidade Estadual do Paraná – Campus Apucarana.

² Pós-doutorado no Programa de Pós-Graduação em História/Linha Estudos de Gênero/UFSC. Coordenadora do Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Gênero, Sexualidade e Família (CNPq).

delimitam a resgatar os relatos de vida das mulheres idosas³ inseridas no contexto do patriarcalismo, problematizando as desigualdades de poder entre homens e mulheres inscritas na divisão sexual, com estruturas visíveis e invisíveis de exploração, opressão e truculência a que são submetidas durante uma vida.

Compartilhar as experiências e aliar os conhecimentos do passado aos do presente possibilita às mulheres a construção de seus próprios significados alternativos e tradicionais. (SPENDER, 1983).

O artigo que ora apresentamos relata uma pesquisa de natureza qualitativa, através da metodologia de História Oral, pela técnica do relato de vida que consiste na estratégia de se obter informações de um indivíduo sobre determinado fato e/ou acontecimento vivido.

Os sujeitos dessa pesquisa se constituíram em três mulheres idosas que estão ligadas intrinsecamente às sequelas do patriarcalismo e, conseqüentemente participam do Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos (SCFV) do CRAS de São João do Ivaí/PR, relatando informações e esclarecimentos numa ótica de criticidade às situações vividas. Neste sentido, a pesquisa busca apresentar as vivências, a pluralidade de idéias desvelando a multiplicidade de situações vividas pelas mulheres, que na ausência de políticas sociais, de caráter emancipatório, se submetem às expectativas sócio patriarcais, fazendo com que o machismo torne, cada vez mais, invisível as qualidades e peculiaridades das mulheres enquanto ser sócio histórico que contribui para o desenvolvimento de uma sociedade.

As idosas entrevistadas foram intituladas nesse trabalho como sujeito 1, sujeito 2 e sujeito 3, mediante o compromisso estabelecido de as mantermos no anonimato perante o trabalho desenvolvido. Apresentam-se como mulheres vividas, com as marcas do sofrimento, do trabalho pesado na roça, desde crianças e adolescentes, e que viam no casamento a oportunidade de mudar de vida, submetendo às expectativas sociopatriarcais.

A partir de entrevista semi-estruturada, mobilizando pesquisador e entrevistadas para o enfrentamento de questões fundamentais à compreensão

³ Segundo o Instituto Brasileiro de Estatística e Geografia, no documento “Síntese de Indicadores Sociais de 2010” 56% da população acima de 60 anos são de mulheres idosas.

da temática, buscamos estabelecer uma relação de confiança com as mulheres, para que obtivéssemos a maior quantidade de informações e a autenticidade nos relatos, considerando que nestes o sujeito expressa sua subjetividade, seus sentimentos e emoções, suas questões particulares e singulares, transmitindo distintos significados aos entrevistadores através do tom, ritmo e volume de voz expressos pelo narrador durante o processo investigativo.

Pretendemos que a produção do conhecimento obtido possa contribuir para o rompimento com um fenômeno social expresso como um comportamento socializado e culturalmente aprendido enquanto norma da sociedade, resultando em inúmeras violências e que pode e deve ser enfrentado e prevenido através da implantação de produtos investigativos, seja através de iniciativas como, rodas de conversa ou grupos de convivência, podendo ser apresentados a essa população numa dimensão de reflexão crítica, fortalecendo vínculos e propiciando às mulheres escreverem sua própria história, contrária às relações culturais de dominação do patriarcado e das expectativas sócio patriarcais estabelecidas pela sociedade machista.

2 OBJETIVOS

2.1 Objetivo Geral

Conhecer os reflexos do paradigma patriarcal na experiência de vida das mulheres idosas atendidas no CRAS de São João do Ivaí/PR

2.2 Objetivos Específicos

- Problematizar as condições históricas que se inscrevem nas relações sociais pautadas no patriarcalismo.
- Investigar a violência de gênero decorrente do paradigma patriarcal junto à experiência de vida das mulheres idosas usuárias do CRAS de São João do Ivaí/PR.
- Constituir na realidade a história de vida das mulheres idosas usuárias do CRAS de São João do Ivaí-PR.

3 RESULTADOS

3.1 As condições históricas em que se inscrevem as relações sociais pautadas no patriarcalismo

Historicamente, a palavra patriarcalismo tem sua origem do grego helenístico através da união das palavras *ἀρχω* (*árjo*), que significa ‘mandar’ e *πατήρ* (*patér*), que significa ‘pai’, referindo-se, ainda, a um território ou jurisdição governado por um patriarca. A expressão surge, pela primeira vez entre os hebreus do século IV no sentido de nomear um homem para orientar uma organização social fundada no poder do homem. Neste contexto, a mulher ocupava uma posição de submissão e subordinação na sociedade. Sobre a imagem de fragilidade física instituiu-se que sua natureza era inferior ao do homem. (SILVA, 2009),

Segundo Barreto (2004, p. 64), o patriarcalismo se define como:

[...] uma estrutura sobre as quais se assentam todas as sociedades contemporâneas. É caracterizado por uma autoridade imposta institucionalmente, do homem sobre mulheres e filhos no ambiente familiar, permeando toda organização da sociedade, da produção e do consumo, da política, à legislação e à cultura.

No envolver histórico, observamos que mesmo a despeito do desenvolvimento do capitalismo, de acordo com Silva, (2011, p 5) os mitos e a história da religião católica dominante na cultura da humanidade nos levaram a crer que “Eva desafiou o poder do Criador, usando de seu poder de sedução para desencaminhar Adão”.

À mulher coube permanecer com sua liberdade limitada ao espaço privado, restrita no âmbito social, enquanto os homens mantinham-se nas relações de poder, de autoridade, nos espaços privados e públicos. Em outras palavras, compreendemos que o lugar social das mulheres continuava sendo o casamento ou, em condições bem específicas, “[...] o magistério primário visto como uma alternativa ‘decente’ para as não casadas, ainda que sob a tutela masculina.” (STAMATTO, 2002, p. 9)⁴ Importante considerar que, mesmo as

⁴ Segundo Stamatto (2002, p. 5 *apud* Hilsdorf, 1998) a primeira professora contratada pela província de São Paulo foi Benedita da Trindade e Lado de Cristo, sendo aprovada em

mulheres alçando-se como professoras, o lar permanecia como sua função principal.

3.2 O enlaço das mulheres idosas pelo patriarcalismo

“A força da ordem masculina pode ser aferida pelo fato de que ela não precisa de justificação: a visão androcêntrica se impõe como neutra e não tem necessidade de se enunciar, visando sua legitimação”
BOURDIEU, Pierre, (1998, p.15).

Apesar do franco desmonte, nas últimas décadas, o paradigma patriarcal foi o que orientou inúmeras gerações de mulheres, que hoje se apresentam com mais idade, submetendo-as à domesticidade, à repressão social e sexual, inibindo-as quanto à escolaridade, com restrições ao seu corpo e à sua sexualidade, ao acesso e à manutenção ao mercado de trabalho, marcadas pela aparente negação de interesse e capacidade para a política. Tais condições fizeram com que essas mulheres, já idosas, tivessem diferentes trajetórias e experiências de vida. (MOTTA, 2011).

Seguindo, mulheres e homens, essas trajetórias de vida tão diversas, quase paralelas, raras vezes confluentes, somente quando velhos têm encontrado destinos e situações mais assemelhados – aproximados pelo preconceito e pelo cerceamento social – porém jamais idênticas, em situações sempre nuançadas pela condição de gênero. (MOTTA, 2011, p. 14).

Não alheias a tais situações, as mulheres idosas, com as quais dialogamos, no sentido de conhecermos os reflexos do paradigma patriarcal na experiência de vida de cada uma, atualmente apresenta a seguinte idade e nível de escolaridade:

SUJEITO 1: 69 anos. Quarta-série primário. Ah do lar né, só, agora é só do lar. Olha eu recebo..., as vezes dá R\$ 660..., tem empréstimo né...

SUJEITO 2: A minha idade é 66 anos. Eu nem vou falar, eu... quase nem tive estudo não sabe, porque naquele tempo a gente era só roça, a gente trabalhava né? Eu só estudei mal para assinar o nome

concurso, “[...] conforme legislação vigente e verificada se vivia com ‘honestidade e bom comportamento público’, recebendo a provisão régia para assumir em 29 de abril de 1828, e, para espanto de todos, não ensinava prendas domésticas às meninas em suas aulas. Foi interpelada pelas autoridades, mas continuou até aposentar-se sem preparar as meninas para os afazeres domésticos.”

malemá só, porque naquele tempo a gente nem tinha estudo. Do lar. O salário é pensão né..., pensionista é R\$ 1400,00.

SUJEITO 3: 85. Eu não estudei nada, bom entrei na aula, mas meu pai não deixou. Do lar, agora fico mais sentada (risos). Um salário... um salário mínimo.

É considerável que no desenvolvimento histórico, uma prática muito comum entre as famílias era o fato de permitir que somente os filhos do sexo masculino frequentassem a escola, alegando que as crianças do sexo feminino queriam ir à escola apenas para aprender a escrever cartas a namorados. Tal condição nos revela dois aspectos, quais sejam?

Primeiro, encaminhar as filhas para o âmbito escolar proporcionava um ônus, nem sempre possível de ser arcado pela família, em específico, as pobres, em um cenário onde as políticas sociais para a educação, ainda hoje, são escassas. Assim, quase sempre as famílias as remetem para uma situação de trabalho doméstico, quando não outro.

Segundo, a privação à educação se constitui como uma afronta aos direitos humanos das meninas. Destarte, segundo a UNICEF,

A política educacional demorou a constatar que a educação de meninas é fundamental para que um país tenha êxito em promover educação para todos. Nos primeiros anos do movimento de desenvolvimento, quando muitos países acabavam de se tornar independentes, havia um entusiasmo generalizado em relação à educação como fator vital ao progresso de uma nação. Mas a tarefa de educar todas as crianças era enorme. Em 1960, menos da metade das crianças entre 6 e 11 anos do mundo em desenvolvimento estava matriculada na escola primária, e nos países da África ao sul do Saara somente uma criança em cada 20 cursou a escola secundária. Até 1980, apesar de algum sucesso (matrículas para o ensino primário dobraram na Ásia e na América Latina, e triplicaram na África), milhões de crianças ainda estavam fora da escola, a maioria delas meninas. O crescimento acelerado da população frustrava sistematicamente o progresso, ficando à frente do aumento nos números escolares. [...]. A Conferência de Jomtien e o movimento Educação para Todos, que foi criado a partir dela, reconheceram a importância de se suprimir a lacuna de gênero e de tomar medidas especiais para tornar possíveis o ingresso e a permanência de meninas na escola. No empenho louvável rumo à educação para todos, acreditou-se que a lacuna de gênero seria automaticamente reduzida. Na verdade, o resultado não foi exatamente este.

De acordo com o e-Journal USA, sobre a Meta de Desenvolvimento do Milênio, dos cento e noventa e seis países do mundo, estima-se que trinta e um podem não alcançar a paridade de gênero nos índices de matrícula no ensino fundamental, com prazo final previsto para 2015.

Os países com os menores padrões de vida e os índices mais altos de analfabetismo costumam ser os países que não fornecem educação para suas meninas. [...] Além disso, a falta de acesso à educação pode acompanhar uma menina por toda a sua vida; dos mais de 700 milhões de adultos analfabetos do mundo, dois terços são mulheres.

Neste sentido, compreendemos a situação de pouca escolaridade dos sujeitos da pesquisa – há todo um contexto histórico de omissão à educação para mulheres, às quais não ficaram isentas.

Com relação à renda familiar, quando indagadas se o recurso financeiro oferece condições para seu sustento e/ou contribuição com a família, responderam:

SUJEITO 1: Não... porque eu gasto muito com remédio né, pago aluguel, água, luz e muito remédio.

SUJEITO 2: Sim... dá, sim, meio regado mais dá, no meio do possível mais dá, porque tenho que ajudar os filhos.

SUJEITO 3: Pra mim só dá, se for só pra mim.

Tal condição expressa a vulnerabilidade em que se encontra as mulheres idosas, dada pela perda da capacidade laborativa e/ou pela ausência de outra fonte que não seja a aposentadoria de um salário mínimo. Conforme pesquisa realizada pelo Instituto de Estatística e Geografia (IBGE), em 2010, entre os idosos brasileiros, 9,1% encontravam-se nessa condição e, destes, 82,9% eram mulheres. “Essa ‘vulnerabilidade’ está provavelmente mais associada ao baixo *status* das mulheres no passado que ao efeito da idade. Isto fica mais claro quando se observa que 73,2% das mulheres sem rendimento são cônjuges.” (BRASIL, 2012, p. 11-12).

A singularidade cultural brasileira traduziu a legitimidade de afirmar “[...] que se vive a lei do pai” (SAFFIOTI, 2004). A sociedade produz estereótipos culturais, conduzindo e encarregando as mulheres da educação dos filhos, dos cuidados e tarefas domésticas que não são valorizadas pela sociedade do capital. Esses conceitos colocam em evidência interpretações sobre o sentido dos símbolos que tentam limitar e conter as possibilidades da mulher enquanto autonomia e emancipação.

Quando perguntamos como era a relação dos sujeitos com seus pais, consideram que,

SUJEITO 1: Graças a Deus era muito boa, a gente se combinava muito para ir na Igreja... vivia na Igreja né, tanto em religião, como na vida de lazer, porque meu pai era festeiro né, então a gente tinha muito na roça assim, mas tinha bailinho que era ele que tomava conta, então a gente fazia aquela festa bem gostosa de criança, de moça, até casar foi assim, muito gostosa, então vivi uma vida muito gostosa com meus pais graças a Deus.

SUJEITO 2: Olha, ele foi muito rígido com nós né, até quando nós convivemos com ele né ele era um pai muito assim exigente... muito mesmo

SUJEITO 3: Muito exigente, muito bravo demais, o pai e a mãe foram muito bravos para nós, a gente nem podia ir nos bailes, meus irmãos podiam, a gente só saía para ir à Igreja. Nem na escola ele deixou nos irmos, só os meninos.

Tal condição explicita o quanto a sociedade capitalista tem como estrutura a exploração e a desigualdade entre homens e mulheres, produzindo relações sociais pautadas pela definição de papéis e comportamentos materializados no constructo das relações de gênero. Neste sentido o capitalismo tem como base a dependência dessas relações, assim como dos benefícios do trabalho produzido e desenvolvido pelas mulheres – o trabalho produtivo, realizado pelas mulheres, é naturalizado na sociedade e invisível na economia. (MARCONI; MENDES). Tal visão social se justifica pela invisibilidade das tarefas femininas enquanto fator considerável para o sistema capitalista, isto é, as tarefas de cunho feminino são colocadas na condição de secundárias e terciárias para o sistema, que se mantém aliado a personificação do patriarca.

A influência da cultura patriarcal na vida das mulheres e homens é idealizada a partir dos papéis de gênero⁵ particularmente construídos na relação de exploração na ordem social patriarca.

Nesse contexto o gênero é definido por Scott (1990, p. 14) como “[...] categoria social imposta sobre um corpo sexuado [...]; é um elemento constitutivo de relações sociais fundadas sobre as diferenças percebidas entre os sexos [...]; é um primeiro modo de dar significado às relações de poder”. Para Butlher, o conceito de gênero,

⁵ Entendemos que as relações de gênero se engendram entre homens, entre mulheres e, entre homens e mulheres. No entanto, neste trabalho, estaremos usando o termo “relações de gênero” para designarmos somente as relações entre homens e mulheres.

[...] é talvez uma questão muito abrangente. Mas tenho argumentado que gênero é performativo. Isso significa que o gênero não expressa uma essência interior de quem somos, mas é constituído por um ritualizado jogo de práticas que produzem o efeito de uma essência interior. Eu também penso que o gênero é vivido como uma interpretação, ou um jogo de interpretações do corpo, que não é restrita a dois, e isso, finalmente, é uma mutável e histórica instituição social.

Se, atualmente, a questão de gênero se mantém dominante, privilegiando homens, analiticamente se afere que as mulheres sofreram, no decorrer de todo seu tempo, o ápice da violência de gênero a partir do acirramento do paradigma patriarcal representado, muitas vezes, nas formas de autoritarismo e conservadorismo das relações familiares, impostas também pela religião. Segundo Aguiar (1997) grandes autores publicavam obras escritas pelas suas esposas, mães, filhas, enfim das mulheres da família como se fossem deles, a estas não chegavam nem o reconhecimento financeiro, tão pouco o intelectual.

Indagadas sobre o porquê muitas de mulheres deixam de viver para si ao não denunciarem as formas de violência contra a mulher, os sujeitos abordaram que,

SUJEITO 1: A mulher que tem medo, talvez tenha ameaça, ela tem medo de denunciar né, sendo que hoje tem delegacia da mulher, tem tudo, é mais fácil, primeiro era muito difícil né a gente tinha que apanhar e sofrer calada, mas hoje tem muito benefício para mulher, só que ainda tem muita mulher que ainda tá sobrevivendo igual nos tempos antigos, tem mulher nova que sofre calada e não vai denunciar porque tem medo né, talvez o marido ameça né, e ela não vai denunciar, aí fica sofrendo e deixa de viver a vida e fica na escravidão, que nem eu que eu vivi como se fosse uma escravidão.

né, só que se fosse no tempo de hoje eu acho que eu não tinha sofrido, porque hoje tem recurso, direito para a mulher, primeiro não tinha...

SUJEITO 2: Olha eu acho assim, porque tem muitas mulheres que sofrem quietas, elas não demonstram para ninguém aquele sofrimento ali entre ela e marido né. Eu não sei se é o medo que elas têm de denunciar o marido e sofrer mais, ou se elas têm medo de alguém ficar sabendo da vida delas, o que passa dentro da casa, eu penso assim comigo, mas o direito é delas pegar e denunciar o companheiro ou elas se abrirem com alguém para ajudar elas, não é mesmo?

SUJEITO 3: Olha eu acho que tem medo, tem vergonha, mas tem mais medo né? Eu no meu caso eu não tinha como criar os filhos né, era seis crianças, só ele trabalhava e eu fiquei muito tempo de cama, os médicos não descobria o que era mais eu acho que era depressão só que aquele tempo não tinha esses tratamentos que tem agora, eu sofri muito, ia nos bailes buscar meu marido, uma vez entrei na frente do ônibus com minha filha mais velha no colo porque ele saía de casa

ia atrás de outras mulheres e as vezes demorava até semana para voltar.

Tal situação revela o quanto o patriarcalismo, o machismo e o sexismo⁶ norteiam as relações afetivas, submetendo as mulheres a uma posição degradante em seus relacionamentos. O processo de separação, para a mulher, se faz por muitos questionamentos e dúvidas, como por exemplo: Será que devo deixá-lo agora? Para onde vou com as crianças? E se ele vier atrás de nós? Como vou sustentar meus filhos sem ele? E se ele conseguir a guarda das crianças? O que a família e amigos vão dizer? Como vou provar a violência? Responder a tais questionamentos implica uma rede sócio jurídica de proteção às mulheres em tal situação, comprometida com equidade nas relações de gênero.

O patriarcado, por determinadas formas conta com as mulheres para se reproduzir e produzir todas as suas violências, em específico a forma como educam seus filhos, ou seja, seguindo os mesmos preceitos; fato comum de ser observado, muitas vezes, na intimidade das mulheres que colocam, mesmo que inconscientemente, os afazeres domésticos como obrigação e o auxílio no lar ao cargo das filhas.

A respeito de como os sujeitos mulheres foram tratadas pelos seus companheiros no começo da união,

SUJEITO 1: Olha, aí já mudou a minha vida, porque na primeira semana de casado ele já começou a sentir ciúme, não sei se era ciúme, mas começou a pegar para judiar e assim nós vivemos quase 25 anos juntos mais com seis filhos, aliás foi 07, porque eu perdi um novinho, era meio tratada a ponta de pé, mas eu tolerei quanto deu.

SUJEITO 2: Olha ele me tratou muito bem, não tem o que reclamar dele. Sempre foi uma pessoa boa, carinhosa com a gente, tinha muita atenção com a gente, foi um excelente marido por isso não tenho o que reclamar dele.

SUJEITO 3: No começo foi muito bem, depois, quando casamos ele já não era muito..., depois que casamos ele tinha ciúme, depois de um ponto em diante ele posava fora de casa e eu não sabia por onde ele andava, ele maltratava eu perto da família dele, eu fazia comida, a

⁶ Sexismo: “Formas de comportamento e ideologias nas quais são atribuídas determinadas disposições e capacidades a indivíduos ou grupos simplesmente por causa do sexo a que pertencem. Trata-se de uma forma de discriminação, que conduz à subalternização, à marginalização ou mesmo à exclusão de pessoas ou grupos com base no seu sexo. Resulta, no fundo, da tendência para estabelecer estereótipos pretensamente fundamentados na Biologia, reflete a forma como o poder é distribuído e quais os grupos com acesso ao discurso definidor de identidades.” Disponível em: <http://minilua.com/para-pensar-sexismo/> Acesso em: 10 mar. 2015.

comida não prestava ele dizia que estava ruim, pinchava as coisas no terreiro.

É possível analisar com as afirmações das entrevistadas que ser um bom marido, na concepção das mulheres, diz respeito somente ao fato de ele ser fiel, não violento e manter o sustento da esposa e filhos, não se leva em conta se ele auxilia na educação dos filhos e nas responsabilidades pela manutenção da casa. Tampouco em reconhecer ou respeitar os direitos e particularidades das mulheres. Todavia é visível que a maioria dos companheiros das idosas se apropriam da moral vigente, no sentido de que depois que a mulher casa passa a ser propriedade do marido, condutas tipicamente existentes na cultura do patriarcalismo, observa-se que antes de se unirem o companheiro tratava a mulher de forma digna e respeitosa.

Questionadas se separaram de seus companheiros alguma vez e o que as motivou a separação, relataram que,

SUJEITO 1: Separamos, porque não deu mais para viver quando ele ficou doente, eu cuidei dele quatorze anos e uns meses eu dava banho colocava comida na boca, porque ele enlouqueceu né, ele tinha problema de convulsão e foi ficando pior, pior, pior, aí quando a gente mudou aqui para São João em 1986 ele acabou de enlouquecer de vez... Aí ele ficou internado no Hospital Regional, dois anos aqui, depois em Curitiba. Aí depois a gente se separou mesmo porque quando ele veio de Curitiba que ele se sentiu recuperado ele veio para matar a família inteira, por causa de ter internado ele... Foi violência, eu fiquei quatro meses se tratando em Apucarana, toda terça-feira eles me levavam pra lá porque eu fiquei sem ouvir, o médico achava que eu tinha sangue no cérebro porque foi muito soco, muita batida na cabeça, eu fiquei toda rocha, o braço também roxeou... A cabeça muita batida nas tábuas da casa de tábua, foi uma hora e vinte de pancadaria, ele comigo dentro de casa, estava nós dois e Deus os meninos tinham ido trabalhar e ele quase me matou, aí depois eu ainda consegui fugir da unha dele, atravessei a praça que era pertinho e entrei na casa do meu irmão, aí no que eu entrei na casa do meu irmão eu já desmaiei e não vi mais nada, fui levada por ambulância para Apucarana e só acordei no outro dia, fiquei aqui no Hospital né, dizem que eu fiquei umas três horas no Hospital de São João aí me levaram pra fora, porque eu não falava e estado toda machucada. Eu quase morri, pediram para juntar os parentes e vizinhos, mas graças a Deus escapei para acabar de entregar a cruz que é criar os filhos né.

SUJEITO 2: Não, só agora, depois que Deus levou ele, vivemos quarenta e seis anos de casados e nunca separei.

SUJEITO 3: Uma vez só, como diz foi o financeiro, por causa de dinheiro, falta de dinheiro em casa. Ele deu uma cintada em mim e na minha menina mais nova e outras vezes nós brigávamos par a par quebrávamos os copos da casa. Eu enfrentava ele.

Aqui revela-se a configuração do patriarcado enquanto violência expressa dentro de casa, sofrida por mulheres e filhos, muitas vezes nem percebida. As mulheres se calam e suportam o máximo de humilhações e agressões ininterruptas como se fosse natural a vida, tal condição de subalternidade foi e continua sendo incutida pela divisão sexual do capitalismo, que molda as mulheres a um comportamento diferente, enquanto a educação feminina é repressora a masculina é conduzida à liberdade, como se a moralidade vigente devesse ser cumprida apenas pelas mulheres.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O patriarcado está exposto nas condutas e relações sociais.

Há milênios se expressa e imprime significado às relações de poder, produzindo e reproduzindo a vida social. Na sociedade capitalista a realidade se constrói sob as bases do machismo, sustentado pela existência de dominadores e dominados.

É fato que as políticas sociais públicas não atendem as demandas postas pelas relações sociais do patriarcado, que visivelmente e invisivelmente constrói a desigualdade entre os sexos, mantendo os privilégios do homem na esfera pública e privada, cerceando os limites de trânsito das mulheres na esfera privada, em empregos domésticos informais, sem qualquer estabilidade que lhe garanta o sustento da família, importante considerar que neste cenário o paradigma patriarcal se manifesta com maior força para a feminização da pobreza.

Nos municípios de pequeno porte I, verifica-se a falta de uma Secretaria Municipal da Mulher e de Centros de Referência a Mulher, o que se tem disponível são os CRAS que não dão conta da demanda, tendo em vista a complexidade e os fatores financeiros que impossibilitam ações mais efetivas.

Talvez as mulheres entrevistadas nesse artigo pudessem ter tido um futuro político, uma vez que são lideranças dentro do âmbito e segmento de idosos no município em questão. É relevante que a visão feminista sobre o patriarcado se propõe a mudanças no cenário social e político do Brasil, mas para que haja efetivas mudanças é necessário a implantação e implementação de políticas públicas para as mulheres.

Desta forma, percebemos o quanto se apresenta complexo e difícil romper com tal paradigma social, expresso por uma conduta socializada e que fora culturalmente apreendida enquanto norma de uma sociedade marcada pela desigualdade. Assim acreditamos na importância do fortalecimento de vínculos, da equidade social para enfrentamento e superação das desigualdades de gênero arraigadas no cerne das relações sociais.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Neuma. **Gênero e Ciências Humanas: desafios as ciências desde a perspectiva das mulheres**. Rio de Janeiro: Editora Rosa dos Tempos, 1997.

BADINTER, Elizabeth. **O amor conquistado: O mito do amor materno**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

BARRETO, Maria do Perpétuo Socorro Leite. Patriarcalismo e o feminismo: uma retrospectiva histórica. **Revista Ártemis**, v. 1, p. 64-73, dez 2004.

BOURDIEU, Pierre. **La domination masculine**. Saint-Amand-Montrond, Éditions du Seuil, 1998. P. 15.

BORELLI, Olga. **Clarice Lispector: esboço para um possível retrato**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981.

Nova Fronteira, 1981. BRASIL. **Informe Nacional sobre a implementação na América Latina e Caribe da Declaração de Brasília sobre envelhecimento**. Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República, 2012.

BUTLER, Judith. **O gênero é uma instituição social mutável e histórica**, 2006. Disponível em: http://www.ihuonline.unisinos.br/index.php?option=com_content&view=article&id=470&secao=199 Acesso em: 10 mar. 2015.

CASSAB, Latif Antonia. História Oral: Miúdas considerações para a pesquisa em Serviço Social. **Serviço Social em Revista**. Vol. 5 nº 2, jan-jul,2003. <http://www.uel.br/revistas/ssrevista/c_v5n2_latif.htm> Acesso em: 31 jan. 2015.

CASSAB, Latif Antonia; Rucheinski Aloísio. Indivíduo e ambiente: A metodologia de pesquisa da História Oral. **Biblos: Revista do Instituto de Ciências Humanas e da Educação**. Disponível em: <http://www.seer.furg.br/biblos/article/view/125/115> Acesso em: 29 jan. 2015.

CASTELLS, Manuel. **O poder da identidade**. Tradução Klauss Brandini Gerhardt. 2ª. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

CASTRO, Mary e LAVINAS, Lena. **Do Feminino ao Gênero: a construção de um objeto**. In COSTA, Albertina e BRUSCHINI, Cristina (orgs.), Uma questão de gênero, São Paulo: Fundação Carlos Chagas e Editora Rosa dos Tempos, 1992,

CONCEITO IDOSO. Disponível em: <https://gerontounivali.wordpress.com/conceito-de-idoso/> Acesso em: 20 mar. 2015.

EJOURNAL USA. **Educação de mulheres e meninas**. Jun 2011. Disponível em: http://photos.state.gov/libraries/amgov/30145/publications-portuguese/Educating_Women_and_Girls_0611p.pdf Acesso em: 15 fev. 2015.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade**. Vol.1: A vontade de saber. Tradução: Maria Thereza da Costa Albuquerque e J.A. Guilhon Albuquerque. 13.ed. Rio de Janeiro: Graal, 1999.

GÓIS, CWL. **Psicologia Comunitária: atividade e vivência**. Fortaleza: Publicações Instituto Paulo Freire de Estudos Psicossociais, 2005.

GUERRA, Yolanda. **A dimensão investigativa no exercício profissional**. Serviço Social direitos sociais e competências profissionais, 2009. Disponível em: <http://www.cressrn.org.br/files/arquivos/C8pQHQOyl68c9Bc41x5Y.pdf> Acesso em: 30 jan. 2015.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1987.

MACHADO, Lia Zanotta. **Perspectivas em confronto**: relações de gênero ou patriarcado contemporâneo? Brasília, [s. n.], 2000. Disponível em: http://www.bibliotecafeminista.org.br/index.php?option=com_remository&Itemid=56&func=fileinfo&id=353. Acesso em: 01 fev. 2015.

MARCARINI, Camilia Tomazzoni; MÉNDEZ, Natalia Pietra. Gênero, geração e patriarcado: Educação de Jovens e Adultos na construção da resistência e autonomia das mulheres. Universidade de Caxias do Sul. **ANAIS** do Seminário Diálogos com a Educação. Desafios da EJA contemporânea, 2013. Disponível em: http://ucsobservatorios.com.br/uploads/2013/EJA_e_diversidade/Trabalho/08_15_36_Genero,_geracao_e_patriarcado_Educacao.pdf Acesso em 23 jan. 2015.

MOTTA, Alda Britto da. As velhas também. Ex aequo, Vila Franca de Xira, n. 23, p. 13-21, 2011. Disponível em <http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0874-55602011000100003&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 26 abr. 2015.

NASCIMENTO, Fernanda Sardelich. **Namoro e Violência**: um estudo sobre amor, namoro e violência entre jovens de grupos populares e camadas médias. 2009. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife.

PATERMAN, Carole. **The Disorder of Women**. Stanford University Press, CA, 1989.

SAFFIOTI, Heleieth. **Gênero, patriarcado e violência**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004. (Coleção Brasil Urgente).

SCOTT, Joan. **Gênero: uma categoria útil de análise histórica**. Educação e Realidade. Porto Alegre. Vol. 16, n.2, p.14, 1990.

SETUBAL, Aglair Alencar. Desafios à pesquisa no Serviço Social: da formação acadêmica à prática profissional. **Revista Katál**. V. 10, Florianópolis, 2007.

Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rk/v10nspe/a0710spe.pdf> Acesso em 31 jan. 2015.

SETUBAL, Aglair Alencar. **Pesquisa no Serviço Social: utopia e realidade**. 2ª ed. São Paulo: Cortez, 2002.

SILVA, Lianzi dos Santos, **Mulheres em cena**: as novas roupagens do primeiro damismo na Assistência Social. 155 f. Dissertação (Mestrado em Serviço Social) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009.

SPENDER Dale. **Women of Ideas**. HarperCollins Publishers, 1983. Disponível em: <http://anoitesera.tumblr.com/page/2> Acesso em: 26 jan.2015.

STAMATTO, Maria Inês Sucupira. **Um olhar na história**: a mulher na escola (Brasil: 1549 – 1910). In: História e Memória da educação Brasileira, 2002, Natal. II Congresso Brasileiro de História da Educação, 2002. Disponível em: <<http://www.sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe2/pdfs/Tema5/0539.pdf>>. Acesso em: 12 de fev. 2015.

UNICEF. **Meninas na escola, uma força positiva única para o desenvolvimento**. Disponível em: <http://www.educacionenvalores.org/Meninas-na-escola-uma-forca.html>